UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

FORA DE EMPRESTIMO

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

Série: Estudos em Saúde Coletiva nº 038

PS
SESC
038

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: BREVE EXPOSIÇÃO DE UMA CORRENTE ACIONALISTA ...

Madel Therezinha Luz

Abril 1993

IMS INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL
UERJ

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: BREVE EXPOSIÇÃO DE UMA CORRENTE ACIONALISTA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MADEL T. LUZ

ABRIL/1993

Nº 38

Diretor: José C. Noronha
Comissão de Publicação: Cid M. de Mello Vianna
Michael Reichenheim
Joel Birman
Revisora: Clara Recht Diament
Secretária/Diagramação: Regina M. Anguiano Marchese
Nota: A série "Estudos em Saúde Coletiva" é uma publicação de textos para discussão do Instituto de Medicina Social - IMS, de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca
do Instituto de Medicina Social - UERJ

L979 Luz, Madel T.
O interacionismo simbólico: breve exposição de uma corrente acionalista em ciências sociais. / Madel T. Luz. — Rio de Janeiro UERJ/IMS, 1993.

12 p.— (Série Estudos em Saúde Coletiva; nº 38)

1. Sociologia - Teoria. 2. Ação Social. I. Título. II. Série.

CDU 301.001.1

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: BREVE EXPOSIÇÃO DE UMA CORRENTE ACIONALISTA EM CIÊNCIAS SOCIAIS *

MADEL T. LUZ **

Introdução

Antes de iniciar esta exposição sumária sobre o interacionismo simbólico como uma das correntes acionalistas em ciências sociais, sobretudo em Sociologia, farei um breve comentário sobre o sucesso atual dessa abordagem e seu significado teórico e metodológico.

A abordagem acionalista em sociologia não é recente e, do meu ponto de vista, tem seu clássico em Max Weber. O início do século XX já discutia a natureza das relações entre os sujeitos (dimensão psicológica ou sociológica), de suas ações (dimensão interativa, ou relacional) e da ordem cultural ou estrutura social em que se inserem essas ações (dimensão simbólica).

---

* Trabalho dedicado a Rimes Soares, Jr. com quem muito aprendi sobre o interacionismo simbólico, orientando-o em sua tese de Mestrado em Ciências Sociais (IFCS-UFRJ, 1991) sobre a "Dramaturgia Social" (Bastidores da Dramaturgia Social - Interação e Ordem Social na Sociologia de Erving Goffman).

** Socióloga, Professora adjunta do Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Essa discussão dá-se não apenas no terreno teórico, mas também no metodológico e no disciplinar.

Discute-se, desde o final do século anterior, não só se as ações dos indivíduos e dos grupos são **objeto de ciência** (no caso, das ciências humanas), mas também que método — ou métodos — é adequado para garantir a cientificidade desta objetivação, e qual — ou quais — disciplina tem a capacidade teórica para empregar tais métodos.

A discussão das fronteiras entre psicologia social, sociologia e antropologia é um tema importante não apenas na França, através de Durkheim e seus discípulos, mas na Alemanha, Suíça e Itália, através de Max Weber e seus contemporâneos, e de Pareto. O mapeamento de limites e o desenho do perfil das ciências humanas no século XX se originaram em grande parte deste debate.

Assim, repito que a questão do estatuto teórico das ações e interações de sujeitos individuais ou coletivos na determinação do objeto das Ciências Sociais não é nova. Tem um século pelo menos. Os grandes teóricos que influenciariam o interacionismo simbólico, como Max Weber, ou filósofos fenomenológicos, como Husserl, pontificaram durante as primeiras décadas deste século.

Não se pode dizer, entretanto, que esse movimento inicial de discussão dos indivíduos e suas ações, com seus significados e contextos, fosse um precursor do que hoje se conhece como interacionismo simbólico. Este só se tornou o sucesso que mencionei de uns vinte anos para cá, se tanto, em função de grandes transformações e movimentos sociais.

Na verdade, a grande moda dessa corrente, se se pode empregar esse termo para incluir autores tão diversos em suas preocupações e conceituações como Alfred Schutz, Herbert Blumer, Erving Goffman, Jeffrey Alexander, Harold Garfinkel e outros, dá-se, ao menos no Brasil, nos anos oitenta, embora a crise que origina essa moda se situe nos anos setenta.

Minha hipótese, semelhante à de Alexander,[1] embora discorde desse autor em algumas de suas interpretações, é que a grande expansão do movimento teórico "microssociológico" decorreu do esgotamento de teorias macro-explicativas ("macroteorias"), ou de métodos objetivistas em busca de "leis sociais", ainda caudatárias do paradigma naturista aplicado às ciências sociais, vigente desde grandes clássicos "coletivistas" como Marx e Durkheim. É verdade que Alexander não acentua a questão metodológica (e seus paradigmas subjacentes), mas tão somente a questão teórica, e sua "oscilação" do macro ao micronível de análise na história recente das ciências sociais.

Desejo acentuar aqui o problema da **exaustão metodológica**, coligada à das macroteorias clássicas, pela superação, na concepção e prática investigativas, da concepção de **objetividade** em Ciências Sociais, e, conseqüentemente, de seus corolários (lógicos e ideológicos), tais como "neutralidade", "distanciamento", "precisão" (como busca de exatidão), "verificabilidade", dicotomia sujeito-objeto etc. Esse duplo esgotamento teórico-metodológico é que gerou, a meu ver, a crise mais importante das Ciências Sociais no século XX, pelo menos na Sociologia, a disciplina mais armada de esquemas teórico explicativos abrangentes e de propostas mais objetivistas no tocante ao método.

Mas as crises não geram apenas superação e decadência. Geram também o surgimento de novas propostas ou o ressurgimento de antigas, daquelas historicamente subordinadas ao padrão dominante.

No caso da crise teórico-metodológica das Ciências Sociais, especificamente da Sociologia, acredito que o movimento de reação "microteórica", de que fez parte não apenas o interacionismo simbólico, mas também a tendência etnometodológica, representa ao mesmo tempo um divisor de águas teórico e um despertar disciplinar para a Sociologia e a Antropologia, para citar as disciplinas clássicas do campo. Inúmeros temas de investigação, bem como vários âmbitos específicos de estudos legitimaram-se desde então como objetos válidos e importantes de pesquisa, tornando-se um desafio para as macroteorias e as abordagens tradicionais de pesquisa. Esse desafio teve como conseqüência positiva o repensar e o reflorescimento, a partir da segunda metade da década de 80, de novas visões teóricas, que têm tomado como quadro referencial e contextos últimos das ações individuais ou grupais a história, a cultura, a ordem social, e que analisam sujeitos particulares inseridos em seus cotidianos específicos, mas referidos a contextos explicativos globais de natureza cultural.

Desse ponto de vista Alexander tem razão ao sublinhar a tendência recente de aproximação entre "macro" e "microteorias", no sentido de uma síntese produtiva para as Ciências Sociais.

Entretanto, para fugir da explicação "pendular" de Alexander para a oscilação das teorias macromicroanalíticas, é preciso considerar as grandes mudanças sócio-históricas concernentes às relações Estado-sociedade civil, à erupção de

movimentos sociais de grupos específicos, à transformação nas relações de gêneros, raças, etnias, gerações, e mesmo dos indivíduos entre si, que tem sido a marca mundial dos últimos 25 anos, superando as clássicas relações envolvendo classes sociais, partidos e massas, sindicatos, "blocos" políticos como capitalismo x socialismo etc.

Esses eram até então os objetos privilegiados nas Ciências Sociais, sobretudo na Sociologia, até o final dos anos sessenta pelo menos.

Creio que se tem que admitir que são essas novas relações e novos contextos que impõem aos teóricos e pesquisadores das Ciências Sociais uma "microconceituação", no sentido da busca de novas explicações e abordagens metodológicas para objetos e contextos recentes de pesquisa.

Só considerando a mútua relação entre a mudança socio-cultural e o esforço de reteorização pelos cientistas sociais é que poderemos interpretar o sucesso recente do interacionismo simbólico, analisando-o, coerentemente, tanto em termos de tradição/mudança teórica nas Ciências Sociais como de contexto das grandes transformações sociais que condicionam a prática dos cientistas sociais.

A proposta teórica do interacionismo simbólico

Na clássica disputa teórica ação social x ordem (ou estrutura) social, pode-se afirmar sem hesitação que o interacionismo simbólico situou-se, desde seus primórdios, nos anos 30 e 40, com autores como Schutz e Blumer, na perspectiva acionalista.

Dos anos sessenta aos oitenta, em que se destacam autores como Goffman e Garfinkel, essa tendência se confirma e se precisa em termos de microssociologia.

Nessa perspectiva, não apenas se privilegiam as ações dos indivíduos como objeto de discurso e de investigação, mas também se atribuem à ordem social uma contingência e uma relatividade quase **radicais.**

Digo **quase** radicais para sublinhar a diferença desse movimento teórico para a etnometodologia, que afirma a ausência de objetividade e a contingência absoluta de estrutura social, situando-se, assim, numa perspectiva fenomenológica. A ordem social carece, se assim se pode dizer, de **substância**, de densidade estrutural. O que se chama de ordem social nada mais é que o efeito cristalizado, e ainda assim provisoriamente, das interações individuais, com seus diversos códigos de significados.

Para o interacionismo existe, objetivamente, uma ordem social que fornece **regras** e **normas** para as ações dos sujeitos, embora ela esteja constantemente em processo de construção (ou desconstrução), através da negociação de significados, de sanções, de hierarquias e das próprias normas. A ordem social é, antes de tudo, negociação de poder, de conflitos, de interesses e **normas** diversas (e quase sempre **divergentes**) pelos atores individuais ou grupais.

O fundamental nessa ordem, **objetiva, embora provisória**, são os **significados** que atribuem os sujeitos individuais e coletivos às suas ações ⇔ interações, isto é, às ações do(s) outro(s) sobre si mesmo e sobre outrem.

Esse é o único objeto considerado interessante para os interacionistas em termos de discurso e prática de pesquisa na sociologia, objeto que não pode ser, evidentemente, separado da própria ação do pesquisador, visto como um intérprete **interessado** daquilo que "observa".

Conseqüentemente, os métodos de investigação privilegiados no interacionismo acentuam a intersubjetividade na prática da pesquisa, as análises "qualitativas", sem pretensões à generalidade e à neutralidade. Privilegiam também a especificidade de objetos, em geral de "pequena dimensão", tomadas em universos quotidianos, onde a ação humana, e seu significado, pode ser mais bem interpretada.

Um conhecimento assim produzido não se diferencia qualitativamente de outros. As "hipóteses", e as "teorias", nesse caso, são sempre reformuláveis, por se pretenderem provisórias, como os sistemas de interações humanas.

Não se pode falar, assim, no distanciamento epistemológico — o famoso "corte" — que caracteriza a visão tradicional sobre o saber científico. A separação que possa existir entre o saber sociológico face ao sentido comum, ou bom senso, não é hierárquica, mas simplesmente a marca da diversidade. O conhecimento sociológico, embora interpretativo da realidade social (melhor, talvez, falar de **realidades sociais**), não se encontra numa posição hierarquicamente superior a outros saberes. O fato de ser **teórico** não lhe confere qualquer **distinção** epistemológica; apenas **diversidade**. Não existe nesse sentido uma "verdade" sociológica, na medida em que não existe uma "realidade" social.

Ao contrário, dir-se-ia até que a sociologia pode ser vista como uma **prática** social entre outras, na medida em que ela se exprime somente através da ação (social) dos sociólogos.

É verdade que essa concepção fenomenológica é mais típica da abordagem etnometodológica do que da interacionista, mas na medida em que se privilegiam as interações interindividuais — e suas regras — em termos **processuais**, como objeto fundamental de conhecimento, esse mesmo conhecimento torna-se uma forma de ação social específica, com suas regras, normas, códigos de linguagem e símbolos.

Nesse sentido, as categorias teóricas a serem levadas em consideração nas análises deverão restringir-se aos sujeitos e suas ações, bem como às normas e regras que ordenam essas ações, ou às representações sobre essas ações, normas e regras.

Categorias tradicionalmente ligadas ao método funcionalista na sua dimensão de **teoria da ação social** reaparecem como conceitos fundamentais no interacionismo simbólico. Citemos algumas: papel, ator, *status*, conflito e normas sociais, entre outras. Além, evidentemente, das categorias centrais de ação, interação e relação social. A própria categoria de **ordem social** tem, em geral, um recorte microssociológico, diferentemente do funcionalismo, em que a **ordem social** é a categoria de maior abrangência teórica; é a origem mesma dos sistemas sociais.

É como se o interacionismo simbólico tivesse ampliado a vertente acionalista do estrutural-funcionalismo, redimensionando-a ao nível microssociológico.

Desse ponto de vista, essa corrente pode ser vista como um neofuncionalismo. Ou como um funcionalismo microanalítico.

Há, no entanto, uma grande diferença, além da questão da abrangência: é o redimensionamento do papel do **conflito**, e do exercício do **poder** nas ações e interações sociais. É verdade que o conflito e as negociações não têm função transformadora das relações sociais, mas de qualquer forma determinam a provisoriedade e a instabilidade da ordem social. O que não sucede na abordagem funcionalista.

Nessa abordagem, a questão da ordem como consenso deixa de lado o problema do poder de coerção existente nas relações sociais, nas suas hierarquias de prestígio, nos sistemas de interação e na criação de normas e regras que garantem ou reproduzam essas hierarquias de prestígio, de *status*, de atores sociais.

A ordem social, através de seus valores, regras e normas, socializa seus membros, **em diversificadas esferas e universos** de interação, em hierarquias de prestígio, ou, ao contrário, de exclusão, de desprezo, de estigma, isolando indivíduos e grupos que definem ou assumem normas, valores e hierarquias divergentes dos padrões dominantes.

Por isso, o estudo de grupos sociais específicos, ou de relações institucionais específicas, constitui o núcleo de objetos de análise mais apropriados do interacionismo simbólico.

Por outro lado, são os atores, em situação interativa, que criam as normas e valores e suas hierarquias; no fundo, são as ações do outro — ou dos

outros — que determinam a ordem social, naquele momento, ou naquele contexto institucional (ou grupal). O próprio sujeito — ator, individual ou grupal — não redefine as normas e regras de uma situação, a "ordem social" naquele momento, a não ser como "divergente".

Em relação à figura do **desviante,** tão fundamental nas análises funcionalistas da ação social, o interacionismo simbólico inova também, considerando que não há "desviantes" em si; os grupos ou indivíduos é que estabelecem indivíduos e grupos com regras e normas próprias como "fora da ordem". Não há uma ordem ideal, ou ontologicamente estabelecida, que possa determinar de maneira apriorística os "desviantes". Para os interacionistas, "desviantes", "estigmatizados", "rebeldes" etc. são efeito das interações sociais e da capacidade de imposição de regras e normas que grupos e sujeitos possam ter, variando, no tempo e no espaço sociais de acordo com as negociações, os conflitos, os interesses etc. Prevalece sempre, portanto nessa determinação, o aspecto processual da ordem social.

Dessa forma, na abordagem interacionista deve predominar a análise **dinâmica** das relações e padrões interativos, diferentemente das abordagens funcional e estruturalista, que abordam os aspectos **estáticos e invariáveis** das relações e padrões de relações sociais. As diferenças entre essas abordagens não se reduzem, portanto, ao aspecto do âmbito ou abrangência dos objetos, mas incluem a questão do **aspecto** das ações sociais que é considerado, isto é, o aspecto **processual** face ao aspecto **invariante**, ou **estrutural,** das interações sociais.

O interacionismo simbólico e a etnometodologia recuperam, por outro lado, o emprego de categorias fundamentais da sociologia e da antropologia clássicas, como a de **representação social**, embora essa categoria seja reconceituada em termos de **teoria da ação social.**

Concluindo, o interacionismo simbólico pode ser um instrumento de trabalho metodológico significativo e adequado para pesquisadores interessados em trabalhar personalidades ou grupos sociais específicos como atores atuantes em instituições ou movimentos sociais, na dinâmica específica do seu cotidiano. Visto como uma concepção explicativa das ações sociais, tende a tornar-se uma forma de relativismo teórico das ciências sociais.

Sua agregação a estudos teóricos mais abrangentes,de natureza histórico-social, não é improvável: é possível e mesmo necessária. Em outras palavras: pode-se ver-essa corrente como complementar, e não excludente, face às grandes teorias clássicas, "estruturais", "coletivistas".

BIBLIOGRAFIA

1. ALEXANDER J. C. O Novo Movimento Teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, nº 4, v.2, junho 87, pp 5-28.
2. GORMAN, R. A. *A Visão Dual. Alfred Schutz e o Mito da Ciência Social Fenomenológica.* Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1979.
3. LUZ, M. T. Fondements Idéologiques de la Méthode Structurelle Fonctionnelle. Dissertação de Mestrado em Sociologia, U. C. Louvain, 1969, 156 + XVIII p. mimeo.
4. SOARES R.Jr. Bastidores da Dramaturgia Social: Interação e Ordem Social na Sociologia de Erving Goffman. Dissertação de Mestrado em Sociologia: IFCS, UFRJ, RJ, 1991, 114p. mimeo.

TEXTOS PUBLICADOS

— 1992 —

020 - Oliveira, Cátia Gomes de. *Análise do Conceito de Satisfação do Usuário na obra de Donabedian.* 36 p.
021 - Guimarães, Reinaldo. *Autonomia Universitária: Notas de Conjuntura* 22 p.
022 - Birman, Joel. *Sujeito Freudiano e Poder: Tragicidade e Paradoxo.* 16 p.
023 - Fiori, José Luis. *O Estado Brasileiro do Futuro: Descentralização ou Desintegração.* 12 p.
024 - Guimarães, Reinaldo. *A Discussion of some Priorities in Scientific Research in Brazil.* 20 p.
025 - Sayd, Jane Dutra. *Hahnemann e a Razão Clássica.* 20 p.
026 - Fiori, José Luis. *Ética e Política numa Periferia Capitalista.* 16 p.
027 - Lourenço, Paulo Maurício Campanha. *Homeopatia: Ciência ou Ficção? Meta-Análise da Teoria da Homeopatia.* 100 p.
028 - Luz, Madel Therezinha. *As Relações entre Burocracia-Aparato Estatal e Sociedade Civil na Sociedade Brasileira a partir de Políticas Sociais: Possibilidades e Limites de Generalizações para a América Latina analisando-se o caso das Políticas de Saúde.* 20 p.
029 - Caldas, Célia Pereira. *A Produção Social da Velhice.* 16 p.
030 - Veras, Renato Peixoto. *Considerations on Research in Studies on the Elderly Population in Brazil.* 12 p.

— 1993 —

031 - Mattos, Ruben Araujo de. *Paradigmas, Cência e Saber Médico: Uma Discussão.* 52 p.
032 - Birman, Joel. *Os Impasses da Cientificidade no Discurso Freudiano e seus Destinos na Psicanálise.* 48 p.
033 - Suassuna, Álcio; Suassuna Ítalo. *Cólera: Aspectos Ecológicos, Epidemiológicos, Sócio-Culturais e Políticos relacionados à Epidemia que Grassa no Brasil (1991-1992)* 40 p.
034 - Santos, Luiz A. de Castro. *A Pós-Graduação em Saúde Coletiva: Impressões sobre a Orientação de alunos.* 16 p.
035 - Pitta, Aurea Maria da Rocha. *Comunicação Social e Saúde: Reflexões Introdutórias sobre o Conceito e Especulações acerca de suas Implicações na Estruturação de Práticas Institucionais* 32 p.
036 - Pepe, Vera Lúcia Edais. *Breve Histórico do Percurso de Kuhn: do Paradigma ao Exemplar.* 12 p.
037 - Fernandes, João Claudio Lara. *Relato de uma Experiência em Atenção Primária à Saúde: o Posto de Saúde da AMABB.* 24 p.